

Difusão de acervos arquivísticos: a experiência do AMLB, as novas tecnologias e os desafios da área

Dissemination of archival collections: the AMLB experience, new technologies and challenges in the área

Luís Felipe Dias Trotta¹

Resumo:

O artigo discute a importância da difusão no universo arquivístico, apresentando algumas abordagens teóricas sobre este conceito e experiências práticas ao redor do mundo. Também mapeia algumas atividades de difusão tradicionalmente realizadas pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira no decorrer dos seus 49 anos de existência. Por fim, este trabalho apresenta alguns desafios na área de difusão nos dias atuais, principalmente relacionados às novas tecnologias e às redes sociais e como esses instrumentos têm desafiado os profissionais da área.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Arquivologia; arquivos pessoais; difusão; redes sociais.

Abstract:

The article discusses the importance of diffusion in the archival universe, presenting some theoretical approaches to this concept and practical experiences around the world. It also maps some dissemination activities traditionally carried out by the Archive-Museum of Brazilian Literature over its 49 years. Finally, this work presents some challenges in the diffusion area nowadays, mainly related to new technologies and social media and how these elements have challenged professionals in the area.

Keywords: Brazilian literature; Archival science; personal archives; diffusion; social networks.

1 Introdução

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), um setor da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) criado em 1972, se constitui em um importante local de salvaguarda de 147 arquivos privados de escritores nacionais, uma coleção de diversos documentos avulsos e um acervo museológico, formado por cerca de 1.400 peças (VASCONCELLOS, 2012). Ele é consultado por pesquisadores do Brasil inteiro e de várias partes do mundo, constituindo-se em um repositório cultural, mas também em um centro de irradiação da cultura brasileira. Dentre

¹ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARq/ UNIRIO), graduado em Arquivologia (UNIRIO) e em História (UFF) e técnico em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/Minc). Email: luis.felipe@rb.gov.br.

os produtos produzidos a partir de seu material encontram-se dissertações e teses, reportagens jornalísticas, livros, filmes, entre outros.

Neste trabalho, proponho fazer um olhar retrospectivo para as atividades de difusão realizadas pelo setor, elencar dificuldades presentes e apontar caminhos futuros. Para tal, começaremos por uma reflexão teórica sobre o que é difusão e para que ela serve, a fim de que possamos nos situar em relação ao que os trabalhos acadêmicos dizem sobre esta importante atividade arquivística. Na segunda parte, apresento atividades de difusão de acervos realizadas pelo AMLB ao longo de suas quase cinco décadas de existência. Por fim, pensaremos alguns desafios que o mundo contemporâneo coloca com relação à disseminação da informação de maneira geral, principalmente no espaço digital.

2 Difusão de Acervos: teorias e práticas

De acordo com os autores canadenses Jean-Ives Rousseau e Carol Couture (1998), seriam sete as funções arquivísticas principais: criação ou produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão. Assim, a difusão é uma parte essencial do universo arquivístico. No dia a dia das instituições, pode-se afirmar que, em diferentes graus, ela sempre fez parte do cotidiano dos profissionais da área, principalmente no caso dos arquivos permanentes. De acordo com Freire (2009, p. 1), nestes arquivos específicos, “há um número incalculável de documentos de todos os tipos e de todas as épocas, que se constituem em riquíssimas fontes para a pesquisa e para os estudos educativos e histórico-educativos”.

Sempre que se fala em difusão, é corriqueiro pensarmos em exposições presenciais. As instituições arquivísticas, contudo, desde há muito tempo possuem um conjunto de atividades bastante diversificadas neste âmbito. De acordo com Bellotto (2006), os serviços de difusão em arquivos, tradicionalmente contam com:

- 1) serviços editoriais, que constituem as publicações em meio impresso ou digital, como guias, catálogos e inventários;
- 2) difusão cultural, serviço responsável pelo desenvolvimento de atividades culturais com o fim de promover a construção do conhecimento, envolvendo atividades como exposições, concursos e palestras;
- 3) serviços educativos que visam tornar o arquivo um espaço de extensão educativa, por meio de oficinas, visitas, cursos e atividades congêneres.

Apesar de reconhecermos que a difusão pode ter esses contornos citados, não existe uma linha clara que delimite exatamente qual serviço pode ser considerado ação cultural ou educativa. “Isso ocorre porque ambos possuem objetivos convergentes: buscam a construção do conhecimento e o acesso à cultura por meio da informação” (SANTOS; BORGES, 2014, p. 317). Há coisas que não sabemos direito diferenciar se se referem à cultura ou à educação, como por exemplo apresentações musicais, peças teatrais, mostras de filmes, aulas no arquivo, concursos diversos, entre outras. Isso mostra que as duas dimensões são indissociáveis.

É importante ressaltar que esse caminho da difusão da informação com viés cultural e educativo já tem sido trilhado há muitos anos em outros países. No Museu de História da França, “há a chamada de *Le quart d’heure de culture*, em que um comentário sobre um ‘grupo documental de interesse mais popular’ é produzido pelos arquivistas, na hora do almoço, atraindo trabalhadores das redondezas” (CABRAL, 2012, p. 36). Há também outros exemplos em países como Estados Unidos, Rússia, Alemanha e Espanha, onde o

uso da transmissão radiofônica de ‘apresentação comentada’ tem alcançado bons resultados ao ser usada concomitantemente à exposição, no saguão do arquivo, do ‘documento do mês’, selecionado de acordo com uma efeméride ou evento (CABRAL, 2012, p. 36).

Logo, a difusão de arquivos abrange várias atividades em espaços diversos desde há muito tempo.

Ao elaborar um programa de difusão, os arquivistas devem ter clareza do território institucional em que estão, se perguntando exatamente não apenas o que querem, mas o que podem difundir. Isso porque não necessariamente uma instituição de cultura é direcionada unicamente à preservação de acervos; em muitos casos, o arquivo é um setor paralelo em meio a outros serviços que disputam recursos, limitando as ações dos profissionais. Na Fundação Casa de Rui Barbosa, por exemplo, os Arquivos Históricos e o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira convivem com os setores de museu, pesquisa, restauração de documentos, bibliotecas, jardim histórico, entre outros. Essa situação é análoga à muitas instituições e certamente gera disputas diversas por recursos.

Neste debate, a ideia de difusão geralmente é acompanhada pela expressão ‘difusão da informação’, mas embora essa seja uma expressão corriqueira, por si só, ela não responde que tipo de informação iremos utilizar. Podemos escolher difundir a instituição e seus diferentes setores, os diversos acervos de um arquivo, a memória de um titular específico, documentos

voltados para segmentos selecionados, eventos da instituição, os produtos produzidos pelo acervo etc. A depender das escolhas que fazemos, um programa de difusão pode ter desdobramentos diversos. Nesse sentido, a difusão em arquivos sempre demanda um alvo muito bem delimitado.

Na literatura arquivística, não raramente, conceitos como ‘difusão’, ‘mediação’ e ‘acesso’ aparecem como aparentados, mas são coisas bastante distintas. O curioso é que no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), o vocábulo ‘difusão’ aparece dentro de ‘disseminação da informação’, e o termo ‘mediação’ está diluído em outras entradas, mas as duas palavras não têm um significado próprio. Já o termo ‘acesso’ tem uma definição específica. Todavia, apesar de serem coisas diferentes, alguns autores defendem que há “uma interrelação teórica entre o conceito de mediação e difusão no âmbito dos arquivos, visto que ambos buscam estabelecer interferências, conscientes ou não, para o acesso e apropriação da informação arquivística” (SANTOS NETO; BORTOLIN, 2020, p. 145).

De acordo com os pesquisadores Aline Prade e Carlos Perez, a atividade de difusão, aliada ao processo de gestão documental, “acarreta grandes benefícios aos arquivos, aos acervos e também aos usuários que poderão usufruir de informações cujo tratamento tenha sido realizado com eficiência desde sua criação até a sua destinação final” (PRADE; PEREZ, 2017, p. 229). Nesse sentido, essas atividades dão sustentação a uma dimensão social, na medida em que multiplicam o poder dos arquivos pela sociedade. As pesquisadoras Fernanda Martendal e Eva Silva confirmam esse ponto ao afirmarem que, tradicionalmente, “a difusão está para o arquivo como uma ação técnica, mas que carrega um enfoque social, de cidadania” (MARTENDAL; SILVA, 2020, p. 42).

Destarte, do ponto de vista arquivístico, um acervo pode perder grande parte do seu valor quando não recebe ações de difusão e divulgação. Sem um bom programa de difusão, os arquivos correm o risco de se tornarem apenas depósitos de papel ou de informações desconexas, como no caso de arquivos nato digitais. Sobre isso, a pesquisadora Isabel Arendt adiciona que difusão “é entendida como o conjunto de ações estratégicas para a promoção da instituição custodiadora e do seu próprio acervo, o que alguns autores também chamam de política pró-ativa da mesma instituição” (ARENDR, 2013, p. 4).

Seja qual o programa de difusão que uma instituição adote ou qual o seu objetivo, pode-se afirmar que toda atividade nesta área demanda planejamento em termos de agenda, mas também do que e como será difundido. Isso também implica em organização financeira, equipes

capacitadas, definição de responsabilidades, indicadores que permitem avaliar a efetividade das ações propostas, entre outros elementos.

3 A experiência do AMLB

Desde sua fundação, em 1972, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira tem realizado diversas atividades de divulgação de seus acervos. A pesquisadora Daniela Sophia (2018) fez um levantamento das formas de difusão da informação mais usuais realizadas pelo setor. Em seu artigo, a pesquisadora observa que publicações e exposições, também chamadas de mostras, têm sido as principais formas. A primeira exposição do AMLB foi realizada em conjunto com outros setores da Fundação e se chamou *Exposição Camoniana*, realizada entre dezembro de 1972 e janeiro de 1973.

Desde então, diversas outras exposições foram realizadas, seja de forma autônoma ou em colaboração com outros profissionais da Casa. A partir de 1974, estes eventos passaram a ser intitulados Memória Literária e relacionavam-se com a divulgação de datas comemorativas concernentes à vida e obra de escritores brasileiros ou com a doação de peças ao Arquivo-Museu. Entre os anos de 1972 e 1994, foi identificado um total de 10 edições dessas atividades a partir do que se tem registro em catálogos impressos disponíveis no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa (SOPHIA, 2018).

Apesar deste bom levantamento feito sobre as primeiras décadas de existência do setor, se faz mister ressaltar que desde que ingressei na FCRB, em 2014, o AMLB vem realizando ao menos uma exposição presencial por ano, também com o objetivo de rememorar efemérides de nascimento e morte de diversos titulares dos acervos. Entre os homenageados neste período estão os escritores Nestor Vitor, João Cabral de Melo Neto, Sérgio Porto, Leon Eliachar, Maria Clara Machado, entre outros.

Outra forma de difusão realizada pelo Arquivo-Museu, e que também é muito comum a instituições arquivísticas, foram as palestras. Os eventos intitulados *Vultos da Literatura Brasileira*, ocorridos mensalmente entre os anos de 1984 e 1985, foram pioneiros e reuniram uma média de cerca de 450 participantes (SOPHIA, 2018). Atualmente, é realizada no mínimo uma palestra por ano, mas dentro de um programa chamado *Memória e Informação*, promovido pelo Centro de Memória e Informação, diretoria à qual o setor se vincula.

O objetivo desses eventos é também divulgar outros trabalhos de outros setores ou de pesquisadores convidados. De 2014 para cá, algumas palestras deste programa e promovidas

integralmente pelo AMLB foram *Cinco anos sem Rodrigo de Souza Leão*, pelos arquivistas Rosely Curi Rondinelli e Jorge Phelipe Abreu; *Pão nosso de cada sábado: estudo da vida literária a partir das atas do Sabadoyle*, por Rosângela Florido Rangel; *Obras de arte literárias* feita por Ellen Ferrando; *Documento Arquivístico Digital* realizada pelo pesquisador Ramon Mello; *A música no arquivo*, sobre o arquivo de Cacaso e ministrada por Mariana Marovatto, entre outros.

Neste âmbito, as publicações dos tradicionais inventários dos arquivos dos titulares também têm uma marcante presença. Até o presente momento, há o total de dez inventários publicados em livros. Ei-los: Thiers Martins Moreira (FCRB, 1988), Augusto Meyer (FCRB, 1988), Manuel Bandeira (FCRB, 1989), Lúcio Cardoso (FCRB, 1989), Clarice Lispector (FCRB, 1993), Vinícius de Moraes (FCRB, 1995), Carlos Drummond de Andrade (FCRB, 1998), Pedro Nava (FCRB, 2001), Antônio Sales (FCRB, 2007) e Cruz e Souza (FCRB, 2021). No entanto, a maioria dos 147 titulares possui algum tipo de instrumento de pesquisa que podem ser listas, resumos ou inventários resumidos. Estes estão em formato PDF e podem ser baixados online pelo site da Fundação.

Estas são as atividades mais visíveis de difusão dos acervos, mas há outros tipos de eventos realizados com certa frequência e que, embora não se refiram aos arquivos especificamente, de certa forma, se relacionam com o trabalho realizado sobre eles ou em torno deles. Tratam-se dos cursos oferecidos para profissionais das áreas de Arquivologia ou Literatura. Dentre eles, temos o curso de *Elaboração de resumos* realizados pelo arquivista Eduardo Coelho e o curso de *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade no trabalho com arquivos literários*, realizado pelo professor de Literatura Tiago Cavalcanti. De certa forma, como nos lembra Bellotto (2006), essas atividades também se referem ao programa de difusão de acervos.

Ainda no âmbito educacional (e também cultural), o AMLB recebe visitas técnicas de estudantes universitários ou profissionais diversos, geralmente ligados a outras instituições. Também já realizou um convênio com o colégio Pedro II, no qual recebeu, em duas ocasiões, alunos de Ensino Médio orientados pelas pesquisadoras da FCRB Eliane Vasconcellos, Ivana e Soraia Reolon. Em todas as ocasiões os discentes tiveram contato com os documentos e objetos do acervo. Estas atividades estão também ligadas a uma dimensão profissional, na medida em que elas informam aos jovens sobre profissões diversas que eles podem futuramente escolher.

Outra atividade secundária de difusão, mas não menos importantes, é o intercâmbio com outras instituições por meio de eventos em conjunto ou de empréstimo de documentos para exposições diversos. Ainda nessa parte de eventos, no ano de 2014, foi realizado em conjunto com o Arquivo Histórico e Institucional da FCRB o seminário *Encontro de Arquivos Pessoais*. Em 2018, o AMLB também fez o colóquio *Arquivos Literários: perspectivas, novas linguagens*. Logo, o setor mantém frequentemente atividades ligadas à área acadêmica. Também não podemos esquecer de citar que, geralmente, doações de arquivos também contam com eventos diversos. Em 2017 foram realizados uma palestra, uma Mostra Literária e uma execução de músicas em homenagem ao recebimento da doação do arquivo do escritor Victor Giudice.

Apesar destas atividades serem bastante prolíficas, há algum tempo, outra forma de difusão tem se colocado entre os profissionais do Arquivo-Museu. Trata-se da digitalização de documentos. A necessidade de digitalizar o acervo presente nas instituições tem sido a ordem do dia, principalmente por parte governo federal, e ela é decorrente do processo de transformação tecnológica que estamos vivendo. Inclusive, uma parcela considerável das instituições do país tem abandonado o documento em papel e migrado para o documento digital. A digitalização dos acervos históricos presentes nos arquivos parece ser uma decorrência deste processo. Com o AMLB não foi diferente e o setor já digitalizou pelo menos quinze arquivos de seu acervo, disponibilizando-os para a pesquisa online, conforme possível.²

A penetração no espaço digital, no entanto, vem apresentando novas possibilidades de exploração para os arquivistas. Uma delas se refere à difusão do acervo nas redes sociais. Em virtude disso, durante os anos de 2019 e 2020, houve uma tentativa do AMLB de criar uma página no Instagram intitulada *Amigos da Literatura Brasileira*, a fim de ser um meio de difusão adicional dos arquivos dos titulares que existem no setor. Trata-se de um protoprojeto que nem sequer foi publicamente veiculado, mas cujo objetivo era fazer testes diversos. No entanto, nas atividades práticas, notou-se a necessidade de um embasamento teórico e de conhecimentos técnicos que sustentassem o desenvolvimento da empreitada. Era necessário o aprofundamento de técnicas não só de manipulação das redes sociais, mas também de marketing, design, entre outros. Em decorrência desta percepção, foi observada a necessidade de estudar o tema mais detalhadamente e os profissionais do setor se viram em meio a desafios que até então não estavam colocados.

² Não foi possível fixar um número exato dessa digitalização, pois no momento em que escrevo este artigo, o AMLB está em um projeto de digitalizar uma parte dos seus documentos que já estão em domínio público. Dessa forma, estes números estão se atualizando a cada semana.

4 As novas tecnologias e os desafios da área

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como "novas tecnologias" recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação (LEVY, 2009, p. 28). Isso vem demandando dos arquivistas atualizações profissionais, bem como novas reflexões e elaborações técnicas. Neste âmbito, embora falemos de espaços digitais de forma genérica, as redes sociais especificamente têm preenchido boa parte das nossas ações no mundo online e elas são parte considerável da vida social na contemporaneidade.

A apropriação das redes sociais pelos arquivos, contudo, já vem acontecendo há tempos. Segundo os arquivistas Diogo Pereira e Eliezer Silva (2020), em um trabalho que estabelece diretrizes para o uso das redes sociais pelas instituições arquivísticas brasileiras, “estamos assistindo à emergência da utilização das redes sociais pelas instituições arquivísticas na realização de algumas das funções arquivísticas formuladas pelos canadenses”. Segundo os autores, este movimento surgiu de uma “articulação das áreas de arquivologia, sociologia e comunicação, considerando as práticas da referência internacional do National Archives e Records Administration (Nara), que possui mais de vinte redes sociais” (PEREIRA; SILVA, 2020, p. 119). Não se trata mais, portanto, de se perguntar se os arquivos irão, um dia, penetrar nestes espaços, mas sim de como podemos otimizar algo que já está presente.

Na bibliografia sobre divulgação em acervos, há bons trabalhos acerca deste tema, mas ainda poucos deles apresentam técnicas específicas para essas redes ou levam em consideração a especificidade de certos acervos. Especificamente com relação à experiência do AMLB, a experiência empírica evidenciou a necessidade de um estudo individualizado dentro do universo geral da difusão. Na medida em que cada arquivo possui suas próprias características, certamente não há uma receita universal para divulgar todo e qualquer tipo de acervo nas redes sociais. Este fato, portanto, abre uma nova fronteira de trabalho e de pensamento arquivístico.

No mundo contemporâneo, existe um debate público bastante intenso sobre como as redes sociais vêm destruindo a democracia, mas se por um lado isso pode ser verdadeiro em algum grau, por outro lado, há outros aspectos dessa relação. Isso porque elas também podem ser espaços privilegiados para que os arquivos ampliem sua função na ágora das discussões sociais, perpetuem uma memória nacional ou setorial e também expandam o seu raio de

atuação. As redes sociais, no entanto, não vêm para substituir as tradicionais formas de difusão, mas sim se complementar a elas.

Aparentemente, plataformas como Twitter, Facebook, Instagram, entre outras, vieram para ficar, pois ocupam um espaço considerável no cotidiano de jovens, adultos e até idosos. Muitos chegam a se informar apenas por esses meios, abandonando os tradicionais telejornais. Este movimento, de certa forma, tornou os sites institucionais relativamente obsoletos, na medida em que eles são mais passivos no seu poder difusor, pois demandam que o usuário vá até eles. Nas plataformas de relacionamento, é possível ir até os usuários de forma mais ativa, de modo que provavelmente estamos no meio de uma transformação histórica comparável à invenção da imprensa por Gutenberg no século XVI. Em virtude disso, os arquivistas devem olhar com atenção para estes espaços.

De acordo com a pesquisadora da Ciência da Informação, Regina Marteleto, nas redes sociais, “os indivíduos, dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes” (MARTELETO, 2001, p. 72). Isso significa que eles são essencialmente espaços ativos tanto para quem gerencia e administra páginas e perfis quanto para os usuários que interagem com eles e é preciso ter isso em mente ao planejar um bom programa de difusão nessas plataformas.

Do ponto de vista da Arquivologia, o atrativo da rede social é que ela é literalmente uma rede que conecta pessoas semelhantes em alguns aspectos, mas diferentes em tantos outros.

O conceito de rede social consiste em um conjunto finito de atores e as relações existentes entre eles. Nela, atores e suas relações são vistos como interdependentes o que estabelece uma perspectiva de análise que enxerga o todo ao invés das partes (SANTOS, 2016).

Logo, elas são ferramentas com um enorme poder de difundir o conjunto de informações depositadas nos arquivos. O uso da criatividade pode fazer com que novos usuários se interessem por um espaço que, tradicionalmente, é de nicho. Nesse poder criativo, não podemos esquecer que os chamados *memes* parecem ser ferramentas bastante importantes.

Estas plataformas não são tão novas, mas não são tão antigas, nos oferecem ferramentas como a possibilidade de postar fotos, textos, vídeos, fotografias – alguns disponíveis por tempo limitado – e isso abre a possibilidade de que o arquivista trabalhe com diferentes gêneros documentais. Esse conjunto de possibilidades permite pensar páginas e perfis como sendo eles próprios “uma espécie de álbum público e que exhibe parte da vida e das relações pessoais e isso

pode abranger os acervos e suas diferentes naturezas” (MARCHIORI, 2018, p. 25). A possibilidade de criação de conteúdo é literalmente uma nova fronteira a ser explorada. Na prática, esses espaços de relacionamento podem se tornar também uma espécie de repositórios institucionais.

Outro aspecto interessante da apropriação das redes sociais pelas instituições arquivísticas é que apesar de estarmos falando de divulgação, difusão, comunicação ou vulgarização dos acervos, todas essas coisas podem estar conectadas também à noção de curadoria digital. Acerca desta expressão, ela “serve para descrever conceitos distintos, mas relacionados, de como os dados digitais podem ser gerenciados e preservados a longo prazo”. (JEONGHYUN, 2014, p. 4). A curadoria digital também abrange o

[...] gerenciamento ativo e preservação de objetos digitais, de forma a garantir a acessibilidade, adição de valor, reutilização, autenticidade e integridade ao longo do tempo desses objetos, desde o seu ponto de criação, até que seja determinado que ele não será mais útil (OLIVER; HARVEY, 2016 apud SIEBRA, 2019, p. 2).

No meu entender, no entanto, a curadoria digital, na medida em que se refere à manutenção de um espaço eletrônico, ela também pode se relacionar a um programa de difusão nas redes sociais. Nesse sentido, para que sejam bem-sucedidas, essas duas atividades demandam que o arquivista tenha um bom conhecimento do seu acervo e que ele fique antenado com os debates nacionais ou os chamados *trending topics*, que são os assuntos do momento. Ao ver que uma determinada discussão está sendo levantada na sociedade, o arquivista pode identificar algum material que se relacione com ela, de modo que as pessoas comecem a despertar para a pluralidade e para a relevância dos acervos culturais.

A pesquisadora Luciene Ramos afirma que no século XXI, há uma a passagem da cultura-mercadoria para a cultura-recurso. Isso significa que “a cultura é hoje vista como algo em que se deve investir. Esse pensamento está fundamentado no fato de que a cultura está sendo invocada para resolver problemas que antes eram de domínio da economia e da política” (RAMOS, 2007, p. 65). Neste contexto, os arquivos podem se inserir no debate público contemporâneo e tentar contribuir em alguns debates atuais, oferecendo soluções ou propondo diálogos.

Há, no entanto, alguns obstáculos neste processo. Um deles é o fato de os arquivos serem desconhecidos de boa parte da população. Por outro lado, muitos daqueles que os conhecem, os vê como distantes, austeros, “cheios de papel” e se a pessoa não é diretamente interessada ou um acadêmico, não faz ideia de como eles podem lhes ser úteis. Nesse sentido, um dos Memória e Informação, v. 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2021

grandes desafios dos arquivistas é criar ações de promoção deste acervo envolvendo técnicas de propaganda e marketing e já há trabalhos que evocam essa necessidade no universo arquivístico.

Os pesquisadores Prades e Perez afirmam que uma área que merece a atenção dos arquivistas é o Marketing Mix, que é conhecido pelos 4 P's (produto, praça, preço e promoção). Essa ideia deve ser interpretada da seguinte forma:

O produto no arquivo se refere à informação. A praça é a forma ou o local que a informação será disponibilizada e distribuída. Já o preço se refere ao custo que estará por trás desta informação, visto que muitas vezes a informação não é cobrada como é o caso dos arquivos públicos, porém sempre haverá um custo relativo à manutenção da instituição e de seus acervos. E a promoção está intimamente relacionada com a difusão, visto que trata da propaganda, ou seja, a forma pela qual a informação irá ser promovida pela instituição (PRADE; PEREZ, 2017, p. 245).

Outro ponto de destaque do marketing é o estudo do público-alvo dos arquivos em termos de elementos como gênero, faixa etária e formação. Em um primeiro momento, pode-se direcionar a difusão para os segmentos identificados com o intuito de fidelizar os usuários que o arquivo já possui. “Posteriormente, para atrair novos usuários ao arquivo, a segmentação é utilizada para direcionar as ações de difusão ao público-alvo que se deseja atrair ao arquivo” (PRADE; PEREZ, 2017, p. 245). As instituições, portanto, devem aprender a se mostrar interessantes para pessoas de diversos segmentos e embora este seja um desafio desde há muito tempo, nas redes sociais, há também muitas facilidades para que isso se materialize.

Um dos problemas do marketing é que ele é direcionado para uma visão essencialmente comercial. A difusão nos arquivos, no entanto, não necessariamente possui este aspecto, mas seu objetivo é também vender produtos no sentido de fazer as pessoas curtirem, compartilharem ou salvarem informações que sejam úteis para elas. Assim, o marketing de acervos, como todo e qualquer programa de marketing, demanda estudo do usuário e de suas redes de relacionamentos para que os arquivos possam ampliar seu público consumidor.

Como nos informa Santos (2006), a promoção é um dos elementos dos quatro elementos principais do marketing e, por tal razão, ela demanda conhecimento de todos os profissionais envolvidos. Neste processo, os arquivistas, ao promoverem seus acervos, devem fazer perguntas como: Como fazer para divulgar a unidade de informação, seus produtos e serviços? O que fazer para tornar atraentes o ambiente da unidade de informação, seus produtos e serviços? Como se informa sobre o uso de produtos e serviços de informação? Como se divulgam os benefícios dos serviços de informação? (AMARAL, 1998, p. 109 apud SANTOS, *Memória e Informação*, v. 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2021

2006, p. 9). Como vemos, um programa de marketing é fundamental na área de difusão arquivística e deve ser bem planejado.

Diante de todas estas questões, os profissionais da área se veem diante de novos desafios, principalmente relacionados à difusão online. O enquadramento dos acervos arquivísticos no âmbito da internet “exigirá, por parte do campo arquivístico, a incorporação de novos princípios conexos com as transformações ocorridas nos processos de produção, gestão e difusão da informação” (MARIZ, 2005, p. 15). Os arquivos e a Arquivologia atuais, “devem estar atentos às tecnologias e como elas podem apoiar e dar resposta às necessidades de informação dos usuários, antecipando as ações de difusão ao menor sinal de busca dos mesmos” (MARTENDAL; SILVA, 2020, p. 52). Essa atenção às novas tecnologias deve incluir o domínio das redes sociais, mas também de técnicas de propaganda e marketing adaptadas ao universo arquivístico. Verifica-se, assim, a necessidade de diálogo dos arquivistas com outras disciplinas.

É importante frisar que este diálogo da Arquivologia com áreas distintas e afins não é novo e ele tangencia esta disciplina em diferentes momentos de sua existência. Segundo Moisés Rockembach (2015, p. 99),

As relações multi, inter e transdisciplinares da Arquivologia com outras disciplinas surgiram desde o uso de técnicas e conceitos aplicados às fontes documentais no auxílio do desenvolvimento da História, a gestão de documentos como suporte às atividades de Estado, (com origem nos records management, sobretudo nos Estados Unidos), vinculado à Administração, até novas relações como as existentes como a Informática/Ciências da Computação e a Ciência da Informação.

O mundo digital, portanto, é só a extensão de algo que sempre existiu. Nesse sentido, os arquivos podem materializar grande parte da sua potencialidade educativa e cultural com um bom programa de difusão e as redes sociais podem ser *locus* privilegiados para este espaço. O gerenciamento dos arquivos nestes espaços também permite que conceitos como patrimônio, memória e identidade circulem pela sociedade de forma mais abrangente, se irradiando em diferentes ramos da sociedade. De certa forma, as redes sociais são elas próprias como uma espécie de “lugares de memória”, para citarmos o historiador francês Pierre Nora (1993) e é importante que essa memória seja devidamente operacionalizada.

Neste âmbito, devemos considerar também que um programa de difusão pode utilizar uma lógica segmentada a depender da natureza do acervo ou do objetivo que se quer atingir.

Grupos constituídos a partir de suas próprias singularidades (feministas, gays, étnicos, movimento dos Sem-Terra, comunidades eclesiais, etc), cuja identidade é própria de cada um, podem nos levar a criar uma dinâmica unitária que dialogue especificamente com estes grupos e, ao mesmo tempo, que possa comunicar para todos (MORIGI; VEIGA, 2007, p. 37).

Sobre isso, não podemos deixar de citar Stuart Hall (2006), quando ele afirma que na pós-modernidade, o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Os arquivos, portanto, podem participar destes processos e realizar seu papel na consolidação de diferentes identidades, pois muitas instituições guardam acervos muito plurais.

Dessa forma, para que o arquivo atinja mais plenamente seus objetivos, é preciso que os arquivistas conheçam bem o acervo que têm disponível e organizem a informação ao máximo possível. Apenas colocar dados e informações diversas nas redes sociais pode não necessariamente ter o efeito esperado, na medida em que, ao serem demandados por estes documentos, os arquivistas podem não conseguir recuperá-los. Logo, a administração do espaço digital não prescinde do tradicional trabalho de organização dos acervos.

Como resultado, além da difusão cultural e educacional dos arquivos, estamos falando também da melhoria da imagem e identidade institucionais, da institucionalização do serviço didático/educativo, da integração e do aproveitamento dos recursos humanos, da colaboração em rede, do trabalho cooperativo com outras instituições, da criação de novos produtos de informação para novos usuários, da exploração intensa das possibilidades das tecnologias de informação e comunicação, entre outros. Portanto, são múltiplas as possibilidades que uma difusão nas redes sociais carrega.

Por fim, entendo “que a difusão deve ser colocada entre as prioridades, uma vez que é através dela que a sociedade conhece o patrimônio documental” (SILVA; BARBOSA, 2012, p. 2). Por meio dela podemos dar publicidade ao que já é público, mas que muitos não conhecem. Outrossim, é possível construir, através do conhecimento desse patrimônio, a noção do seu valor. Uma vez que são parte do mundo contemporâneo, as redes sociais parecem cada vez ser um local de desdobramento das atividades arquivísticas no que se refere à difusão da informação. Isso, no entanto, demanda um aprofundamento de teorias, práticas e técnicas na área de arquivos, novas tecnologias e marketing e o acervo do AMLB é um universo bastante prolífico para experimentações nesses campos.

Referências

- ARENDRT, Isabel Cristina. Difusão e acumulação do patrimônio documental. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-17.
Disponível em:
http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371151497_ARQUIVO_Texto_ANPUH_2013_Isabel_Arendt_final.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. Disponível em:
http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed., Rio de Janeiro: FGV, 2006. 320 p.
- CABRAL, R. M. Arquivo como fonte de difusão cultural e educativa. *Revista Acervo*, v. 25, n. 1, p. 35-44, 22 out. 2012. Disponível em:
<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/336>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de Literatura Brasileira. SILVA, Beatriz Folly (Org.). *Inventário do arquivo Thiers Martins Moreira*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1988.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de Literatura Brasileira. SILVA, Beatriz Folly; COSTA, Nailda Marinho (Orgs.). *Inventário do arquivo Augusto Meyer*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1988.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. SILVA, Beatriz Folly; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Vianna (Orgs.). *Inventário do arquivo Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1989.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de Literatura Brasileira. RANGEL, Rosângela Florido; LEITÃO, Eliane Vasconcellos (Orgs.). *Inventário do arquivo Lúcio Cardoso*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1989.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do arquivo Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1993.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Inventário do arquivo Vinícius de Moraes*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1995.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Inventário do arquivo Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1998.
- FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do arquivo Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.
- Memória e Informação, v. 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2021

FCRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. SOPHIA, Daniela Carvalho; VASCONCELLOS, Eliane (Orgs.). Inventário do arquivo Cruz e Souza. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2021.

FREIRE, L. G. L. Difusão educativa em arquivos. *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, jan. 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia06/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JEONGHYUN, Kim. Growth and trends in digital curation research: the case of the international journal of digital curation. *ASIST*, Seattle, v. 51, n. 1, p. 1-4, nov. 2014. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/meet.2014.14505101074>. Acesso em: 02 nov. 2021.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARCHIORI, Adriene de Jesus. *Explorando a análise de redes sociais em arquivologia: princípios da proveniência e organicidade no arquivo pessoal de Clemente Mariani*. 2018. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30146/4/TCC%20MarchioriAdriene.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MARIZ, Anna Carla Almeida. *Arquivos públicos brasileiros: a transferência da informação na internet*. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/681/1/mariz2005.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, abr. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MARTENDAL, Fernanda Frasson; SILVA, Eva Cristina Leite da. A abordagem da difusão arquivística nos artigos de periódicos científicos A1 das áreas do conhecimento “Comunicação e informação” e “Educação” da CAPES. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 7, n. esp, p. 41-56, jan. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/135464>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MORIGI, Valdir Jose; VEIGA, Alexandre. Esfera pública informacional: os arquivos na construção da cidadania. *Informação & Sociedade: Estudos*, n. 2, v. 17, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91356>. Acesso em: 02 nov. 2021.

Memória e Informação, v. 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2021

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, V. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEREIRA, Diogo Baptista; SILVA, Eliezer Pires da. Diretrizes para o uso das redes sociais pelas instituições arquivísticas brasileiras. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 116-135, set./dez. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/145989>. Acesso em: 01 dez. 2021.

PRADE, A. M.; PEREZ, C. B. A importância da gestão documental no contexto do acesso aos documentos e difusão dos arquivos. *Ágora: Arquivologia em debate*, v. 27, n. 54, p. 226-253, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/626>. Acesso em: 01 dez. 2021.

RAMOS, Luciene Borges. *O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do galpão Cine Horto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VALA-74QJRP>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ROCKEMBACH, Moisés. Difusão em arquivos: uma função arquivística, informacional e comunicacional. *Informação Arquivística*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 98-118, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pcbic/article/view/29528>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ROSSEAU, J. Y.; COUTURE, C. *Fundamentos da disciplina arquivística*. Tradução de Magda Bigotte de Figueiredo. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, A. L. T. dos. *Uma proposta para difusão virtual de arquivo através da mídia social Facebook*. 2016. 24 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10592>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SANTOS, K.; BORGES, J. Difusão cultural e educativa nos arquivos públicos dos estados brasileiros. *Ágora: Arquivologia em debate*, v. 24, n. 49, p. 311–342, 2014. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/504>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Una propuesta de marketing para un archivo institucional. *Alexandria*, ano 3, n. 6, p. 4-14, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/346/337>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SANTOS NETO, J. A. dos; BORTOLIN, S. Mediação e difusão em arquivos. *Informação em Pauta*, v. 5, n. 1, p. 144-161, 30 jun. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/43289/161690>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SIEBRA, S. de A. Curadoria Digital: uma área em expansão. *Archeion Online*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 1–6, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2318-6186.2019v6n2.47089. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/47089>. Acesso em: 01 dez. 2021.

Memória e Informação, v. 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2021

SILVA, H. R. K.; BARBOSA, A. C. O. Difusão em arquivos: definição, políticas e implementação de projetos no arquivo público do estado de São Paulo. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 25, n. 1, p. 45-66, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44894>. Acesso em: 01 dez. 2021

SOPHIA, Daniela Carvalho. Divulgação em cultura: levantamento preliminar das estratégias do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 102-107, 2018. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/6274?mode=full>. Acesso em: 02 nov. 2021.

VASCONCELOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.